

IDEIAS, VALORES E CONCEITOS SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS NO DISCURSO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS ATUANTES EM VARGINHA: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVISTA

Gabriela Serenini Prado Santos¹

RESUMO: A Língua Brasileira de Sinais (Libras) está sujeita à dinâmica social e a interesses conflituosos, pois as ideias que os intérpretes têm da língua de sinais mobilizam modelos socioculturais da língua em uso e podem colaborar para mudanças de crenças historicamente arraigadas. Assim, esse artigo se propõe a apresentar a síntese da pesquisa qualitativa interpretativista, de viés etnográfico, desenvolvida no Mestrado em Letras, da Universidade Vale do Rio Verde/UNINCOR, no ano de 2019, cujo objetivo é compreender as ideias, os valores e os conceitos sobre a Libras mobilizados nos discursos de três intérpretes de Libras atuantes em Varginha/MG, em 2017 e 2018. Situada no escopo da Linguística Aplicada, esta pesquisa mobiliza conceitos teóricos advindas dos estudos ideológicos da linguagem, dos estudos surdos e traz como instrumental analítico as pistas de natureza sociolinguísticas e os processos de referência no discurso. Os resultados da pesquisa demonstraram que as intérpretes reconhecem a Libras como a língua oficial da comunidade surda brasileira e pedem o reconhecimento por parte da comunidade ouvinte. Demonstraram, também, que as funções do profissional intérprete de Libras ainda não estão definidas nos espaços educacionais e religiosos, ocorrendo, quase sempre, de forma intuitiva e assistencialista.

PALAVRAS-CHAVE: Intérprete de Libras; Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); Línguas minoritizadas; Discurso; Ideologia linguística.

ABSTRACT: The Brazilian Sign Language (Libras) is subject to the social dynamics and the conflicting interests, because the ideas that have interpreters of sign language, socio-cultural models in language use and can collaborate to changing beliefs historically rooted. So, this article aims to present the synthesis of interpretative qualitative research, ethnographic bias, developed in the master's degree in Letras from the Universidade Vale do Rio Verde/UNINCOR, in the year 2019, whose goal is to understand the ideas, the values and the concepts about Libras in the speeches of three interpreters, currently working in Varginha/MG, in 2017 and 2018. In the scope of Applied Linguistics, this research mobilizes theoretical concepts arising from ideological studies of language, deaf studies and brings as the analytical tool and referral processes in speech. The results of the research demonstrate that the interpreters acknowledge Libras as the official language of the Brazilian deaf community, but state that recognition by the hearing community is necessary. Demonstrated, too, that it was possible to notice that the attributions of the professional interpreter of Libras are still not defined in the educational and religious spaces, occurring, in most cases, in an intuitive and assistencialist way.

KEYWORDS: Libras Interpreter, Brazilian Sign Language (LIBRAS); Minority languages; Discourse; Linguistic ideology.

Introdução

Para pesquisar sobre a Língua de Sinais Brasileira (LSB ou Libras²), há vasta bibliografia consistente sobre o tema assim como pesquisas já publicadas. Dessa forma, nossa pesquisa de mestrado buscou apresentar outro olhar para o processo linguístico entre surdos e

¹Mestre em Letras, linha de pesquisa Discurso e Produção de Sentidos, pela Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR/CAPES. E-mail: gabi.serenini@gmail.com

²A partir daqui será utilizada a sigla Libras para Língua Brasileira de Sinais.

ouvintes. Nela, foram considerados os mediadores da comunicação entre cidadãos de um mesmo país, porém, usuários de línguas diferentes: o intérprete e o discurso sobre a Libras. A pesquisa teve como objeto, portanto, a construção discursiva dos intérpretes, personagem quase sempre ignorado nos estudos do tema.

Assim, visando o comprometimento com uma produção de conhecimento que seja responsiva à vida e ao envolvimento do diálogo entre diversas áreas do saber e diferentes modos de produção do conhecimento, a pesquisa se situa no escopo da Linguística Aplicada (doravante LA). Também articula uma perspectiva de língua como fato discursivo à visão de linguagem advinda dos estudos bakhtinianos. Nesse escopo, discutimos o mito do monolinguismo no Brasil e a questão das Línguas de Sinais como língua minoritária. Em reconhecimento ao fato de que áreas do saber diferentes da Linguística podem ter muito a dizer sobre a ação constitutiva da linguagem no mundo social, também foi abordada a perspectiva dos estudos sobre surdez.

Os estudos acerca da língua apresentam teorias que transitam entre o caminho aberto por Saussure (1969), que apontava a clássica dicotomia entre língua³ e fala, e a continuidade dos estudos de maneira mais ampla com Bakhtin e seu Círculo, cujos trabalhos discutiam a complexidade da língua, sendo ela um fato social que se forma no processo comunicativo e na interação entre sujeitos. A linguística saussureana, vista como uma das principais representantes do objetivismo abstrato, foi criticada por Bakhtin e o Círculo por pensar a língua como um sistema de regras abstratas, desconsiderando o fato de que os sentidos não emanam da língua em si, mas são o resultado de uma construção dialógica e histórica entre os sujeitos de uma interação social. Para Bakhtin (2016, p. 23), o objetivismo abstrato não alcançava a complexidade da língua. Para ele, essa teoria dá “uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva”. (BAKHTIN, 2016, p. 24).

Se, de fato, o sentido é o resultado de uma construção sociohistórica de sujeitos em interação social, vale nos questionar sobre a relação indissociável entre linguagem e ideologia. A natureza da linguagem é dialógica e ideológica, uma vez que a alternância entre os sujeitos discursivos contribui para a construção de um enunciado “firme, rigorosamente delimitado de outros enunciados”, conforme apontou Bakhtin (2016, p. 35). Nessa perspectiva, o autor defende que o enunciado é “um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 26), portanto carrega consigo elementos históricos que o

³Língua é “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. (SAUSSURE, 1974, p. 17)

fazem possuir marcas ideológicas e individuais. Para Costa (2017, p. 133), o signo é carregado de ideologia, sendo assim, a palavra só existe nesta condição de elemento ideológico da linguagem.

Vivemos em um país que carrega, tradicionalmente, uma cultura ouvinte monolíngue cerceada por outras tantas culturas linguísticas ignoradas pelos próprios cidadãos brasileiros. Oficialmente, o Brasil é regido por duas línguas: a Língua Portuguesa e a Libras. Neste sentido, são vários os participantes desse cenário linguístico, no qual se inserem ouvintes, surdos, surdos-cegos e intérpretes de Libras.

Estudar a língua de sinais é entrar em um universo que contempla duas línguas de modalidades distintamente diferentes. A primeira, uma língua natural de modalidade oral-auditiva, e a segunda, uma língua, de modalidade visual-espacial. Um universo composto por tais línguas possui uma esfera de poder que ultrapassa a concepção de língua majoritária (ouvintes) *versus* língua minoritária (surdos) e inclui igualdade de direitos, acesso à educação e ao mercado de trabalho e à inclusão social.

Conceito de língua nos estudos ideológicos da linguagem

O embate existente entre as línguas orais e as Línguas de Sinais é denso e histórico. A Libras configura o surdo para longe do quadro patológico e o insere em uma sociedade igualitária, o que significa, segundo Gesser (2009, p. 10), que a legitimidade da Libras “desvia a surdez como deficiência – vinculada às lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural”. (GESSER, 2009, p. 10)

Bakhtin (Volóchinov) (2012, p. 99) afirma que a “língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” portanto, nada mais relevante do que pesquisar a língua de sinais em seu ambiente social, trazendo à luz das teorias já citadas, contribuições consideráveis para este campo de estudo. (BAKHTIN (VOLÓCHINOV), 2012, p. 99)

As primeiras pesquisas tendo a língua como objeto de uma abordagem científica surgiram com Ferdinand Saussure no início do século XX. Esses estudos forjaram as bases de um campo que viria a ser, posteriormente, conhecido como “estruturalismo”. Saussure é considerado o responsável pelo que se conhece hoje como linguística contemporânea, ou seja, a linguística como ciência da linguagem. Para esse campo de estudo, a linguagem foi

categorizada em campos dicotômicos⁴, cujos conceitos são discutidos a partir de ideias contrapostas. Neste sentido, a dicotomia que nos interessa aqui é entre língua e fala.

O estudo a partir das dicotomias é entendido por Bagno (2012, p. 44) a partir da ótica platônica, “uma vez que cada par tinha uma entidade concreta/empírica/perceptível, oposta a uma entidade abstrata/dedutível/idealizável”, sendo os pares a base dos estudos saussurianos. Saussure busca definir a linguística como uma ciência autônoma que se preocupa com a *langue*⁵ e não com a *parole*⁶, e também opera um recorte sobre a sincronia da língua, em seu momento estanque e suspende - embora não ignore essa abordagem - as interferências históricas de formação.

Para Saussure (1969, p. 16), a linguística deve se preocupar em estudar a língua separadamente da fala, pois “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 1969, p. 16). Com esse conceito, ele entende que, como titulares de uma faculdade da linguagem, o ser humano somente tem como praticá-la através de uma condição natural, que é a língua.

A partir desse posicionamento, o linguista define seu objeto de pesquisa – a língua – estudada em separado, como um sistema fechado em si mesma, que não considera as contribuições externas. As pesquisas estruturalistas apresentam a definição de língua como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” e o que se entende a partir disto é que língua e fala não são interdependentes, pois a língua é “um todo por si” (SAUSSURE, 1969, p. 17). Ao considerar que a língua é social, adquirida, Saussure compreende que seu funcionamento não está relacionado com a consciência individual do falante.

Marcos Bagno critica a posição estruturalista do estudo da língua e explica que, nesse viés, a língua foi transformada em algo por si e em si. Ele afirma que

[...] o estruturalismo transformou a língua numa “coisa em si” – objetivo explicitado pelas últimas palavras do Curso de linguística geral (...) “A linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si

⁴ São outras dicotomias: significado x significante; sincronia x diacronia, paradigma x sintagma. (BAGNO, 2012, p. 45)

⁵ *Langue*: sistema abstrato, homogêneo, composto de todas as realizações potenciais de expressão, formado por unidades que se opõem entre si, compartilhado por todos os falantes de um grupo social; é invariável pois não pode ser alterado por nenhum falante individual. (BAGNO, 2012, p. 46)

⁶ *Parole*: manifestações individuais particulares, heterogêneas, das potencialidades do sistema; apresenta variação, mas essa variação não prejudica a intercompreensão dos falantes, uma vez que todos eles reconhecem que, por trás das formas variantes, existe, num nível mais abstrato, uma forma comum, geral. (BAGNO, 2012, p. 45)

mesma e por si mesma. [...] Renegando o falante e sua inserção numa comunidade, a linguística estrutural renegou no mesmo gesto o social, o cultural, o político e o ideológico – em suma, tudo que é caracteristicamente humano. (BAGNO, 2012, p. 60, grifos do autor)

A partir de outro entendimento, os pesquisadores Volóchinov e Medviédev integraram um círculo de intelectuais que se reunia em torno de Mikhail Bakhtin, na Rússia, entre 1895 e 1975. O grupo possui obras que colaboraram muito para o entendimento da língua enquanto fato social, vinculado ao falante. Os filósofos entendiam que a consciência individual do falante não poderia ser estudada separadamente da fala, pois tudo que se produz por meio da fala é construído historicamente e carrega as interferências recebidas nesse processo. Para Volóchinov (2017, p. 175), a língua só pode ser considerada um sistema de normas centrada em si mesma, se este for o “*modus* de existência da língua para cada um dos membros dessa coletividade linguística”. Portanto, uma concepção diferente do que apresentavam os defensores estruturalistas em que o processo comunicacional era entendido como uma via de mão única na qual o falante era visto como o sujeito ativo e o ouvinte, como o sujeito receptor do discurso.

Bakhtin, na obra *Os gêneros do discurso*, critica fortemente essa forma de concepção de estudo. Diz ele que ainda existem

[...] na linguística burguesa ficções como o “ouvinte” e o “entendedor” (parceiros do “falante”, do fluxo da fala, etc.). Tais ficções dão uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva. Nos cursos de linguística geral [...] aparecem com frequência representações evidentemente esquemáticas de dois parceiros da comunicação discursiva – o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte. Não se pode dizer que esses processos sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade; contudo, quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva eles se transformam em ficção científica. (BAKHTIN, 2016, p. 24)

Os estudos do Círculo preconizam que a língua é parte do enunciado, sendo este concreto, único, irrepetível e carregado de ideologia. Tais concepções demonstram a complexidade dos estudos advindos dessa teoria em contraponto com as teorias estruturalistas cujos pressupostos separavam a língua da fala. Os embates entre os estudiosos russos e os formalistas/objetivistas se dão pelo pensamento de que a língua é um sistema de regras abstratas que independe da realidade social e não considera que o sentido se faz a partir da interação entre sujeitos. (COSTA, 2017, p. 92)

O processo interacional entre sujeitos não fazia parte do entendimento de língua para os estruturalistas. A língua era vista separada do processo comunicacional e se dava internamente, apenas na cabeça do sujeito. Seus pensamentos eram elaborados mentalmente e considerados apenas como tal, não tendo a fala um papel de propagação dessas ideias externamente. A partir dessas ideias abstratas de língua, Bakhtin e os pesquisadores russos passaram a questionar a validade do conceito de língua que não tinha o falante como parte desse funcionamento.

Ainda de acordo com as proposições defendidas, esse processo comunicacional no qual os estruturalistas acreditavam não corresponde ao efetivo processo de comunicação, pois seria uma posição abstrata em relação à compreensão responsivamente ativa do falante. Para o Círculo, essa abstração pode ser justificada por uma condição:

[...] a de ser nitidamente compreendida apenas como abstração e não ser apresentada como fenômeno pleno concreto e real; caso contrário, ela se transforma em invenção. É exatamente o que acontece na linguística, uma vez que esses esquemas abstratos, mesmo não sendo apresentados diretamente como reflexo da comunicação discursiva real, tampouco são completados por alusões a uma maior complexidade do fenômeno real. (BAKHTIN, 2016, p. 26)

Para a existência de um processo comunicacional, o diálogo deve reger a troca de turnos. Esse posicionamento, denominado dialogismo, considera que todo contato entre sujeitos se dá de forma interativa. Há, entre os falantes, uma troca de turnos de fala, cujo objetivo é o de dar vez a todos os sujeitos participantes do processo de interação verbal. Para o grupo, o sujeito pode, inclusive, realizar interação consigo mesmo, atuando com sua consciência. O enunciado produzido a partir da interação entre os sujeitos é reconhecidamente concreto. O enunciado é

[...] uma unidade de comunicação discursiva, portanto, só existe em sua relação dialógica com enunciados anteriores e posteriores (...). [Também] são unidades concretas produzidas por sujeitos particulares, autores com identidades socioideológicas (*sic*) ligadas às esferas de produção, recepção e circulação. (GRILLO; COSTA, 2013, p. 153)

Ao conceituar enunciado, compreende-se que ele se torna concreto no processo da interação verbal. Sendo assim, os sujeitos produtores do discurso se situam histórica, política e socialmente localizados. No entanto, o processo dialógico do Círculo não é apenas entre dois sujeitos falantes, mas entre discursos ditos anteriormente em outro momento histórico. Silva (2013, p. 54) entende que o dialogismo se dá na relação entre vozes, também conhecidas como discursos, que podem aparecer explicitamente ou não.

A partir dos estudos de Bakhtin e do Círculo, compreendeu-se, portanto, que a língua e a fala não poderiam ser vistas separadamente, pois ambas são carregadas de características que determinam as crenças e as formações sociais e culturais do falante. Passou-se, então, a compreender a língua como fato ideológico, que não se desvincula, de forma alguma, do que o sujeito discursivo acredita e o demonstra a partir da língua e da fala.

Na concepção de língua como fato ideológico, todo sujeito falante participante do processo de interação verbal é constituído de ideologia. As construções verbais e não verbais estarão ideologicamente marcadas por traços da sua formação social, política, entre outras e podem aparecer indiretamente no discurso. A ideologia no discurso é fortemente defendida pelos estudiosos do Círculo pois ela é indissolúvel do sujeito interacional. A interação realizada por meio da língua de sinais se dá por meio de construções não verbais, justamente por ela ser uma língua de modalidade visual-espacial, constituída de sinais estruturados gramatical, sintático, fonético e fonologicamente.

Quadros (2003, p. 5) explica que as associações de surdos foram criadas como espaços de convivência para os surdos utilizarem a língua de sinais, já que nas aulas, dentro das escolas regulares, eram obrigados a aprender a língua na modalidade oral. Por isso, podemos compreender a Libras como um “movimento de resistência por parte dos surdos a um processo social, político e linguístico (*sic passim*) que privilegiou o parâmetro do normal. Portanto, a aquisição da linguagem é fundamental para que o sujeito surdo possa reescrever-se através da interação social, cultural política e científica”⁷. (QUADROS, 2003, p. 5)

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin (Volóchinov) (2012, p. 93-95) defende que os pesquisadores estruturalistas entendiam a língua como uma unidade abstrata e afirma que “os representantes dessa orientação acentuam constantemente que o sistema linguístico constitui um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta”, mas que é impossível fazer tal separação pois a língua é subjetiva e há uma “evolução ininterrupta das normas da língua” O locutor se utiliza da língua para produzir seus discursos por meio dos enunciados concretos e efetivar o processo comunicacional, por isso “o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas [...] num dado contexto concreto”.

⁷ O conceito de normalidade compreende o sujeito falante usuário da língua portuguesa na modalidade oral.

Toda produção discursiva do falante está envolta em suas formações sociais, culturais, profissionais, familiares, entre outras esferas do cotidiano. Os seus argumentos são formados de discursos construídos historicamente, portanto o signo linguístico⁸ é atravessado por conteúdos ideológicos do mundo histórico social. (COSTA, 2017, p. 92). Nesse ponto, o Círculo compreende que os enunciados concretos são inerentemente dialógicos e que a consciência do sujeito não é individual, mas formada pela coletividade social.

Pode-se compreender que o enunciado é vivo e “de natureza ativamente responsiva”, o que significa dizer que todo enunciado requer uma resposta e, nesse processo, o falante passa a ser ouvinte e na troca de turno o ouvinte passa a ser o falante e assim sucessivamente. O processo de troca que ocorre mediante a inversão de turnos de fala traz para o discurso as formações ideológicas e sociais do sujeito falante e do sujeito respondente. (BAKHTIN, 2016, p. 25). Nessas concepções, os estudos do Círculo caminham no sentido de demonstrar que signo e ideologia estão intrinsecamente entrelaçados. Volóchinov (2017, p. 91) afirma que “sem signos não existe ideologia”, pois dominar o signo significa dominar a ideologia.

A inserção da pesquisa na Linguística Aplicada

Os estudos teóricos sucintamente apresentados aqui, conversam com os estudos da surdez preconizados por Quadros, Gesser e Lacerda e abordam, por conseguinte, este universo duplo - visual-espacial e oral-auditivo da língua de sinais. Em razão disto, algumas questões emergiram das inquietações e se tornaram maiores com as leituras realizadas. Neste cenário, considerando que o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) faz uso de uma língua que não é a sua língua natural e se insere em outro universo linguístico de características peculiares, uma questão central surgiu para investigação: como se dá a construção discursiva da língua de sinais por profissionais intérpretes em Varginha, Minas Gerais⁹? Assim, coube, também, buscar saber como o intérprete de Libras compreende e valora a língua de sinais e como essas representações apontam para a construção identitária desses intérpretes de Libras.

⁸Volóchinov compreende como signo “qualquer produto ideológico [...] que reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites”, dessa forma, “tudo o que é ideológico possui significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*”. (VOLÓCHINOV, 2017, p 91)

⁹A pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa Minas Gerais Diálogos, da Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR, cadastrado no Diretório de Pesquisas do CNPq, liderado pelos professores Dra. Cilene Pereira e Dr. Luciano Cavalcanti.

A partir dessas questões, foram estabelecidos os objetivos que nortearam a pesquisa de mestrado aqui sintetizada, trazendo para o centro das discussões o discurso dos intérpretes de Libras. Como objetivo geral, buscou-se compreender as ideias, os valores e os conceitos sobre a língua de sinais que perpassam os discursos de três tradutoras e intérprete de Libras atuantes na cidade de Varginha, Minas Gerais. Para os objetivos específicos, espera-se buscar, nos discursos das intérpretes de Libras, as compreensões, as crenças ou sentimentos sobre a língua de sinais; reconhecer quais representações as intérpretes de Libras fazem de si e do outro enquanto mediadores de comunicação, assim como da língua e, por fim, contribuir para o aprofundamento teórico acerca dos TILS sobre os conceitos de língua e ideologia linguística.

Nessa direção, a Libras, em meio a grandes embates para se legitimar, está sujeita à dinâmica social e a interesses conflituosos. O pressuposto é que, ao falarmos sobre uma língua, não estamos comunicando apenas palavras no mundo, mas falando de uma posição particular, que nos coloca ideologicamente em relação a essa língua, mobilizando modelos socioculturais da língua em uso (MOITA LOPES, 2013; BAGNO, 2011, 2012). Desse ponto de vista, as ideias que os falantes e intérpretes têm da Libras poderiam influenciar na produção do conhecimento sobre essa língua e nas mudanças de crenças arraigadas.

As buscas nas bases digitais da Capes e da Scielo mostraram que pesquisas já publicadas que possuem a palavra-chave “Intérprete de Libras” focam, principalmente, na atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais no contexto educacional e são restritas. A plataforma Scielo apresentou oito resultados com a palavras-chave “Intérprete de Libras” e apenas duas traziam no título os termos pesquisados. Foram elas: *O intérprete universitário da Língua Brasileira de Sinais na cidade de Curitiba* e *Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil*. As outras seis abordavam o surdo e a educação de surdos. Na plataforma da Capes foram encontrados trinta e sete resultados com a palavras-chave “Intérprete de Libras”, no entanto, apenas a pesquisa *Acesso lexical no bilinguismo bimodal: um estudo sobre o efeito de interferência semântica em intérpretes de Libras – Língua Portuguesa* trouxe o intérprete no corpus. Os outros trabalhos localizados na plataforma possuem temáticas variadas como educação de surdos, aquisição de linguagem por estudantes surdos e gramática da Libras.

Os dados resgatados evidenciam que os estudos sobre a construção discursiva da língua de sinais por profissionais interpretes de Libras são reduzidos e carecem de muitas pesquisas. Desta forma, fez-se necessário pesquisar a dupla língua de sinais e intérprete de Libras,

perpassando pela conceituação de língua permeada pela ideologia, pelas crenças e pelas representações que fazem da língua e de si mesmos enquanto profissionais bilíngues.

A pesquisa de mestrado se situa em uma área transdisciplinar, uma vez que não busca apenas “contribuições de outras áreas, mas sim, a participação ativa de pesquisadores das áreas envolvidas, a fim de dar conta da problematização que a abordagem do objeto de estudo” solicita. (CELANI, 1998, p. 133) Essa escolha levou ao percurso metodológico que inclui a definição do *corpus* e da metodologia de interpretação dos dados.

Ao realizar pesquisa em LA, é fundamental considerar o outro como participante, uma vez que os dados são construídos conjuntamente entre pesquisadora e participantes. Ao escolher o universo da língua de sinais como cerne, se fez necessário escolher quem seriam os sujeitos participantes, como seriam reunidas as informações a serem analisadas e quais as contribuições teóricas utilizadas. A delimitação desse universo passou por diversas experimentações. O trabalho com sujeitos participantes não é um caminho firme, pois existem diversos fatores complicadores e dificultadores, como a insegurança destes em estarem em uma pesquisa acadêmica, a disponibilidade para coletar os dados depende do ritmo de vida pessoal e profissional de cada participante, além de não ampliar excessivamente o *corpus*.

Moita Lopes (1994, p. 330) explica que, no Brasil, há grande predomínio por pesquisas positivistas, consideradas como uma forma legítima de produzir ciência, e que a legitimação desse saber se dá em forma de um conhecimento denominado verdade científica. No entanto, os conhecimentos gerados no âmbito da LA “são construídos pelo homem, que o interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, fazendo assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades” (MOITA LOPES, 1994, p. 331). Nesta perspectiva é que se encaixa nossa dissertação, pois a partir de uma posição interpretativista, há uma possibilidade significados vindos de um olhar amplo para os dados.

Um traço distintivo da LA é o seu comprometimento com uma produção de conhecimento que seja responsiva à sociedade. Tem-se aí a compreensão de que fazer pesquisa é gerar um novo conhecimento e torná-lo acessível à sociedade. Dessa forma, ao escolher um tema e delimitar um *corpus*, fez-se necessário refletir sobre a melhor maneira de devolver os resultados à comunidade. Assim, o retorno pode se dar em forma de publicações científicas, apresentação em eventos científicos, acadêmicos, além de palestras e cursos de formação. A agenda política e social da LA incita ao resgate da aproximação crítica entre sujeitos e pesquisadores, tendo em vista que a produção do conhecimento depende de uma relação de

confiança. É importante salientar que todas as áreas teóricas buscam deixar acessíveis os resultados alcançados. A LA, no entanto, precisa reforçar este posicionamento por dividir espaços com pesquisas estruturalistas e por ser uma área recente no campo das teorias linguísticas.

Esta pesquisa também possui um viés etnográfico, pois leva em conta a cultura do outro, considerando essencialmente o “estudo de práticas culturais e sociais de determinado grupo de indivíduos” (RODRIGUES JUNIOR, 2007, p. 531). Ao escolher os participantes, percebemos que este corpus poderia contribuir grandemente para os estudos linguísticos que perpassam pela inclusão social, minorias linguísticas e ideologia.

Ao ter os objetivos da pesquisa definidos, ficou claro que o material analítico deveria ser construído, devido aos poucos resultados encontrados no levantamento de trabalhos já publicados. Em sua grande maioria, a língua de sinais é o objeto de pesquisa mais estudado e, em seguida, os surdos e sua cultura e comunidade. Definimos, portanto que os intérpretes seriam o objeto de nosso estudo pela escassez de pesquisas encontradas.

Foi preciso delimitar um universo para buscar profissionais que pudessem participar da coleta de dados, pois existem intérpretes nas mais variadas áreas e instituições. Escolheu-se, portanto, que poderiam participar intérpretes de qualquer área de atuação que tivesse, no mínimo, três anos de experiência. Inicialmente, foram contatados dez participantes, no entanto, o retorno positivo para participação na pesquisa foi reduzido para três. Assim, deu-se início à escolha dos temas e à construção das questões que compuseram a entrevista, método de pesquisa escolhido. Portanto, o *corpus* da pesquisa foi formado pelo resultado das entrevistas realizadas com três mulheres intérpretes de Libras, atuantes na cidade de Varginha, no Sul de Minas. O material coletado gerou duas horas e meia de gravação e trinta páginas de transcrição. Em se tratando de uma pesquisa interpretativista, nossas impressões pessoais foram registradas em um diário de campo, o qual serviu também como fonte de dados contextuais.

As participantes são Paula, Márcia e Luana¹⁰. Paula é intérprete há quatro anos em espaços religiosos e algumas participações em ambientes institucionalizados, tem formação em curso superior. Márcia é intérprete há cinco anos e atua, também, como professora de Libras em instituições de ensino. Luana é intérprete há sete anos em espaços educacionais e, também, possui formação superior.

¹⁰Os codinomes foram escolhidos para garantir o anonimato das intérpretes participantes da pesquisa conforme previsto no Código de Ética da Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR.

As coletas foram realizadas em locais distintos. Na entrevista de Paula, a sua residência foi o espaço escolhido para a primeira fase da coleta de dados e seu local de trabalho, para a segunda fase de coleta. Duarte (2002, p. 145) afirma que “este tipo de entrevista flui mais tranquilamente quando realizada na residência da pessoa entrevistada, Em ambiente doméstico, privado, parece haver mais liberdade para expressão das ideias e menos preocupação com o tempo”. Já na entrevista de Márcia, o local indicado pela participante também foi o seu local de trabalho. Duarte (2002, p. 145) mostra que, nessas situações, há mais chances de interrupções e “costuma aguçar a ansiedade com relação ao tempo de duração do depoimento, interrompendo o livre fluxo de ideias [...]”, no entanto, o ambiente de trabalho não ofereceu muitas interrupções e foi possível realizar a entrevista na íntegra. Na entrevista de Luana também foi escolhido o ambiente residencial, por questões de logística e acesso. Vale ressaltar que o fato da segunda etapa da entrevista de Paula e a entrevista completa de Márcia terem sido realizadas no ambiente de trabalho não prejudicou a coleta de material analítico, pois houve condição favorável no ambiente profissional.

A construção do *corpus* foi realizada por meio de entrevistas coletadas individualmente “que combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto”. A entrevista semiestruturada, portanto, colabora “na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos” uma vez que as respostas espontâneas “poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa”. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75)

Esta escolha proporciona maior espaço de fala para as participantes e, assim, não há respostas fechadas tampouco respostas certas ou erradas para os tópicos questionados. Dessa forma, se pode enxergar os ditos e não ditos delas buscando, da melhor maneira possível, amplas contribuições para o campo de pesquisa em que este trabalho se insere.

A entrevista como método de pesquisa qualitativa traz como resultados um grande volume de dados significativos que necessitam ser organizados. No caso da pesquisa aqui apresentada, as entrevistas coletadas geraram várias horas de gravação em áudio. Todas essas informações precisaram ser organizadas e categorizadas segundo critérios como palavras-chave e temáticas das perguntas.

Como método de geração de dados analíticos, a entrevista se faz pertinente em virtude do caráter dialógico presente na pesquisa. Ainda, assim, este método pode ser caracterizado, em um primeiro olhar, como

[...] um processo de interação entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um *roteiro de entrevista* constando de uma lista de pontos *ou* tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida. O processo de interação contém quatro componentes que devem ser explicitados, enfatizando-se suas vantagens, desvantagens e limitações. São eles a) o entrevistador; b) o entrevistado; c) a situação da entrevista; d) o instrumento de captação de dados, ou roteiro de entrevista. (HAGUETTE, 1997, p. 86, grifos do autor)

Quando submetida aos cânones científicos, a entrevista possui aspecto muito formal e estanque, sem espaço para reformulações e reconstruções, tampouco para interpretações diversas. Se compreendida no aspecto dialógico, a entrevista se torna um método de grande espectro, sendo capaz de fornecer dados que, até então, não estavam explícitos, ou seja, abre espaço para a subjetividade na pesquisa.

As pesquisas em ciências humanas compreendem o objeto de pesquisa não como um objeto em si, mas como um sujeito que possui voz e formações diversas, sendo assim pesquisadora e participante se colocam juntas na construção do conhecimento e abrem-se para o diálogo. Para Mondada (1997, p. 59), os interlocutores de uma entrevista constroem de forma coletiva uma versão do mundo, sendo esta uma ação solidária. Portanto, “a entrevista não é simplesmente um instrumento neutro de pesquisa ou um método [...]. Pelo contrário, sua eficácia é profundamente ligada à concepção de linguagem e de discurso pressuposta [...] no desenvolvimento [...] com o informante”. (MONDADA, 1997, p. 59)

A entrevista foi organizada em três partes: contato inicial, a língua de sinais e a representação da língua. As perguntas foram apenas uma orientação para que houvesse possibilidade de abrir outros questionamentos e comentários que viessem a surgir durante a conversa que, por sua vez, poderia ser a mais natural e descontraída possível. Com essa divisão, as análises foram realizadas por bloco de questões. Para se proceder à análise, foram utilizados os estudos da referenciação, as pistas de contextualização, os estudos da surdez e os estudos ideológicos da linguagem.

Recorte analítico

Neste recorte, o foco será nas respostas à pergunta de abertura das entrevistas: “Como foi seu contato inicial com a Libras?”. Este questionamento busca saber em que momento se

deu o primeiro encontro entre a participante e a língua de sinais e o caráter linguístico que a Libras recebeu a partir de então.

A primeira participante a ser entrevistada foi Márcia. Ela nos deu um relato rico em detalhes quanto às primeiras experiências com uma língua completamente diferente da sua e, até aquele momento, desconhecida quanto a seu uso social. Ao ser questionada Márcia nos diz: “É... então, eu fazia Letras na minha cidade [...]e tinha um professor que dava aula de Libras e a gente fechou um grupo com ele pra dar aulas pra gente então ele dava aula toda segunda-feira... [...] Foi meu priMEIro contato com a língua de sinais... na verdade... nem fui muito EU que corri atrás... foi mais uma colega minha que queria MUITO...” O contato de Márcia com a língua de sinais acontece na faculdade, aproximadamente há 13 anos, no ano de 2005. Aqui aparecem algumas pistas a serem analisadas sobre o valor social da língua de sinais para Márcia. Gumperz (2002, p. 152-153) entende que tais marcas são pistas de contextualização, ou seja, marcas linguísticas e paralinguísticas percebidas no momento da interação entre os falantes.

No relato, vemos que o contato inicial se deu em função de uma terceira pessoa, ou seja, não era de seu interesse o contato com uma língua nova, de modalidade visual e espacial, de uma comunidade que não era a sua, conforme o trecho **nem fui muito EU que corri atrás... foi mais uma colega minha que queria MUITO**. O uso do advérbio de intensidade **muito** no início do trecho demonstra um pouco de desinteresse de Márcia pela a língua, pois se tem a impressão de que a busca pelo instrutor foi incentivada pela colega, e, aparentemente, com alguma insistência. Isso também pode ser percebido pela repetição do advérbio, dando novo sentido à palavra. A análise nos mostra que o maior, senão o exclusivo interesse em aprender a língua era da sua colega. Apesar disto, Márcia deu continuidade aos estudos da língua se dedicando a níveis mais avançados.

A língua só se torna um signo a partir do momento que passa a fazer significado para o usuário, como defende Bakhtin (Volóchinov) (2012, p. 97), e, até este momento, a Libras ainda era apenas sinal. Somente a partir da oportunidade de interpretar em uma escola foi que a língua passou a ser sígnica para Márcia, conforme seu relato: “surgiu a oportunidade de interpretar pra um menino de seis anos... e eu era a única na cidade que sabia Libras... aí a escola me contratou e... e fui... interpretar pra ele com o pouco que eu sabia...”. Neste momento, portanto, houve a procura pelo aprendizado mais significativo, assim como a inserção na comunidade surda.

Esse excerto de Márcia apresenta o perfil de uma intérprete que não almejava trilhar o caminho escolhido, mas que foi sendo levada pelas escolhas realizadas em cada momento.

Percebe-se, claramente, que a língua de sinais foi ganhando contornos cada vez maiores em sua vida profissional.

O próximo excerto é da segunda participante, Luana, e mostra que seu primeiro contato com a língua de sinais se deu, também, na faculdade. Ela relata: “foi [...] no curso do quarenta horas... [...] e eu saí [...] sabendo o sinal de baleia e cobra só... porque a aula era uma vez por semana... não dava tempo de guardar conteúdo... e... eu não TINHA perfil pra educação especial... então não era uma coisa que me interessava... eu gostava era da educação infantil... no meu último período... eu... ti/... abriu o edital [...] pra... orientação¹¹... e aí todos os requisitos que eu tinha... precisava... [...] eu falei... eu vou tentar... e... consegui... passei... mas aí eu falei... [...] eu NÃO sei sinais... eu preciso aprender... aí ela disse¹²... não... não tem problema... os requisitos tão.. tá tudo batendo aqui... você vai aprender...”

Ao contar a sua trajetória desde o início até aquele momento, Luana apresenta seu percurso e alguns dos percalços que preciso vencer como a insegurança de participar de um processo seletivo no qual não dominava a língua oficial, além de comprovar que o início de tudo se deu de forma academicista. Luana nos mostra que, assim como Márcia, a língua de sinais não era um propósito profissional quando diz que seu primeiro contato foi no curso de Pedagogia.

Ao realizar as escolhas lexicais para construir seu discurso sobre o primeiro contato com a língua de sinais, Luana demonstra diversas intenções discursivas como o fato de não possuir interesse na Libras, tampouco na educação especial, assim como participar de um processo seletivo que não estava em suas metas, mas foi responsável por grandes mudanças em sua carreira profissional. Tudo se isso se justifica quando Volóchinov (2017, p. 181) afirma que “a palavra está sempre repleta de conteúdo”, pois a representação da Libras nos trechos analisados acima, possuem conteúdo, ou seja, não foram ditas no vazio de uma oralidade sem propósito, mas sim construídas a partir de um direcionamento dado pelas perguntas da entrevista.

Os excertos também possuem conteúdo, no sentido apresentado pelo filósofo russo, por fazerem parte de uma carreira profissional inovadora que se desenvolveu após alguns anos como docente da educação infantil. É importante considerar que houve uma grande

¹¹Luana citou o nome da instituição na qual havia um edital para concorrer ao cargo de orientadora educacional, mas pela preservação de sua identidade, esse dado foi suprimido. No entanto, a contextualização é importante para a análise, pois coloca Luana em seu lugar de fala, ou seja, na instituição onde sua carreira começou.

¹² O pronome se refere à pessoa responsável pelo processo seletivo.

transformação: da professora Luana para a intérprete Luana. Transformação tal que a fez estudar, dedicar a aprender uma nova língua.

Este terceiro excerto é da intérprete Paula, a última profissional a ser entrevistada. Nos primeiros 5 minutos da entrevista já foi possível perceber como Paula valora a língua de sinais, aproximando-a de suas experiências religiosas. Paula responde: “a... Libras pra mim começou como um momento evangelístico... e:... aí eu... orei a Deus... pedindo a Deus uma oportunidade de aprender Libras... [...] e aí... eu fui orando a Deus até que surgiu a oportuniDAde em 2013 pela igreja que eu congregava e... fiz o curso de... do mês de Fevereiro a Outubro.. e... quando eu... fiz eu vi que realMENTe era o que eu queria... era o que eu goSTAVA me:smo, que na verdade eu AMAVA... né e amo (risos) a Libras até hoje [...]”. Podemos perceber que Paula escolhe o termo **Libras** para abrir seu discurso. Ao realizar essa escolha nos mostra a cristalização das nomenclaturas da comunidade surda no seu vocabulário.

O excerto aponta que o primeiro contato de Paula com a Libras aconteceu na igreja. Isso é possível perceber pela expressão **momento evangelístico**. Ao referir-se a esse primeiro contato, a intérprete não está apenas respondendo a uma pergunta realizada pela pesquisadora, está também, construindo sua relação com a Libras e, conseqüentemente, sua identidade de intérprete no universo das práticas religiosas. Esse é um dado importante, tendo em vista a compreensão de que, segundo Mondada e Dubois (2003, p 34), “não se pode mais considerar nem que a palavra ou a categoria adquirida é decidida à priori ‘no mundo’, anteriormente a sua enunciação”, de modo que os objetos do mundo são também objetos do discurso. Nesse sentido, a existência de uma língua é estabelecida e negociada discursivamente.

Considerando o relato de Paula sobre como seu deu o processo de aquisição da língua de sinais, percebemos que o discurso religioso aparece antes da própria língua de sinais e a vontade de aprender língua de sinais se vincula à uma instituição religiosa e não uma instituição educacional.

Diferente das duas primeiras participantes, temos uma profissional que atua nos espaços religiosos. Este dado é importante pois apresenta a realidade da atuação de muitos intérpretes. Lacerda (2009, p. 27-28) explica que os intérpretes mais fluentes são oriundos de instituições religiosas e realizaram seu aprendizado por meio de catequeses, cultos e ritos em língua de sinais. A estudiosa ainda explica que muitas instituições religiosas possuem material confeccionado em Libras e por isso seja comum que esses profissionais sejam oriundos das igrejas.

Os três relatos mostram que as situações de contato inicial com a língua de sinais se deram de forma aproximada apesar dos espaços em que ocorreram. Márcia e Luana conheceram a Libras na universidade e provaram que a carga horária é baixa para um efetivo aprendizado, uma vez que buscaram outros meios de se aprofundar no uso da língua. Já Márcia nos trouxe a realidade das instituições religiosas e a oferta de cursos a partir da demanda da comunidade a qual pertence.

Considerações finais

Após os procedimentos analíticos dos excertos aqui apresentados, chegou-se ao entendimento de que a valoração da língua de sinais enquanto signo linguístico se deu juntamente com a atuação profissional como intérpretes de Libras. A representação construída pelas três participantes mostrou que a formação inicial desse profissional ainda se dá de maneira não institucionalizada ou, quando ela acontece, a carga horária é baixa, não dando condições para uma efetiva atuação no mercado de trabalho.

Em relação à pesquisa, na totalidade dos dados analisados, todas as participantes reconhecem a Libras como língua oficial da comunidade surda, mesmo que grande parte da comunidade ouvinte ainda a desconheça, e defendem a necessidade do ensino da Libras aos surdos para que consigam desenvolver com sucesso o caminho do conhecimento, e aos ouvintes, para que possam ter acesso à informação e desconstruir as crenças arraigadas. Os sentimentos sobre a Libras se alternam entre a defesa da língua perante a comunidade ouvinte – buscando integrar o surdo socialmente e desenvolver nele a língua de sinais – e o assistencialismo, com a acolhida nas instituições religiosas.

Assim, é urgente a necessidade de se pesquisar sobre a temática da Libras e dos intérpretes, uma vez que mudanças importantes já estão sendo implementadas pelos governantes. O Projeto de Lei 9.382/2017 que revoga a Lei 12.319/2010 e as alterações no texto do Decreto 5.626/2005 são dois exemplos. O projeto apresentou, entre outras alterações, a carga horária diária e semanal de trabalho dos profissionais, estabelecendo, também, que acima de uma hora de interpretação, há obrigatoriedade de revezamento com, no mínimo, dois intérpretes de Libras. Já a recentíssima alteração do Decreto 5.626, sancionada pelo ex-presidente Michel Temer, no dia 27 de dezembro de 2018, altera o artigo 26 e parágrafos. Tais mudanças demandam empenho das comunidades surda e ouvinte com vistas a proporcionar aos surdos

acesso de qualidade aos serviços de interpretação e tradução da Língua Brasileira de Sinais, assim como a valorização dos profissionais.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *O português não procede do latim: uma proposta de classificação das línguas derivadas do galego*. p. 34-36, 2011. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/bagno-o-portuguc3aas-nc3a3o-procede-do-latim.pdf>. Acesso em 21/06/2018.
- BAGNO, Marcos. A caverna implodida: por uma concepção não platônica de língua. In: BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2012, p. 37-79
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV) *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2012, p. 9-132
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Paulo Bezerra (organização, Tradução, Posfácio e Notas da edição russa: Serguei Botcharov). São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. v. 2, nº 1 (3), p. 68-80, jan/jul., 2005.
- BRASIL. Casa Civil. *Decreto n.º 5.626*. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 01 de set de 2017.
- BRASIL. Casa Civil. *Lei n.º 12.319*. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS Brasília: 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 20 de set de 2017.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei 9.382*. Dispõe sobre o exercício profissional e condições de trabalho do profissional tradutor, guia-intérprete e intérprete de Libras, revogando a Lei n.º 12.319, de 1º de setembro de 2010. 2017. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1634551. Acesso em 18/12/2018
- CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (Orgs). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 129-142
- CELANI, Maria Antonieta Alba. Questões de ética na pesquisa em linguística aplicada. *Linguagem e ensino*. Pelotas, 2005. v. 8, n. 1, p. 101-122.
- COSTA, Luis Rosalvo. *A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin e os embates no discurso de divulgação científica da revista Ciência Hoje*. Cotia: Ateilê/Fapesp, 2017. Vol. 1. p. 89-95; 132-138; 152-156.
- DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*. PUC. Rio de Janeiro, 2002, n. 117, p. 139-154. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>. Acesso em 21/09/2018.

- GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?:* crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009. 87 p.
- GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (Horas.), *Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 2002. p. 149-182.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 63-170. Disponível em: http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2007/T1-SF/Canrobert/Medologias_Qualitativas.pdf. Acesso em 4 de out. 2017.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Mediação, 2009. 96 p.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa Interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. *DELTA*, vol 10, nº 2, 1994, p. 329-338. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/315214851/MOITA-LOPES-Pesquisa-Interpretativista-Em-LA-1994>. Acesso em 20/09/2018
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ideologia Linguística: como construir discursivamente o português do século XXI. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org). *O Português no Século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013.
- MONDADA, Lorenza. A entrevista como acontecimento interacional: abordagem linguística e conversacional. *RUA*, Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 59-86, 1997 Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640619/8171>
- RODRIGUES JUNIOR, Adail Sebastião. Etnografia e ensino de línguas estrangeiras: uma análise exploratória de seu estado-da-arte no Brasil. *Linguagem & Ensino*, [S.l.], v.10,n.2, p. 527-552, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/152/119>. Acessado em 05/09/2017.
- SAUSSURE, Ferdinand. Objeto da linguística. In: SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, 1974, p. 15-25.

Artigo recebido em agosto de 2019.
Artigo aceito em novembro de 2019.